

Associação Brasileira de Antropologia
Prêmio Claude Lévi-Strauss – Modalidade B

Raysa Martins do Nascimento

Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas
Colegiado de Ciências Sociais

CURA, DOM E DÁDIVA

Marcus André de Souza Cardoso da Silva

Link para o CV Lattes da candidata: <http://lattes.cnpq.br/4017502987671122>

Link para o CV Lattes do Orientador: <http://lattes.cnpq.br/7460969839763937>

CURA, DOM E DÁDIVA

Segundo dados oficiais, na região Norte do país as parteiras tradicionais são responsáveis por 5,8% dos nascimentos (BRASIL, 2010a). Sabendo que muitos partos feitos por parteiras, principalmente nas regiões rurais, ribeirinhas e de difícil acesso, não são computados pelas secretarias municipais e estaduais de saúde, podemos considerar um maior quantitativo. De todo modo, essas mulheres reconhecidamente desempenham uma papel de relevância na manutenção da saúde nas localidades onde atuam, uma vez que na região amazônica o número de médicos pode chegar a 1 para 8.400 habitantes (BRASIL, 2010b).

Nos últimos anos tenho realizado pesquisa com parteiras tradicionais do município de Santana, no Estado do Amapá, que concentra 101.262 habitantes (IBGE, 2010), segundo mais populoso do Estado. Neste ensaio procuro apresentar e problematizar o atendimento e a importância das parteiras tradicionais do município de Santana no processo de cura do corpo feminino e de doenças advindas do processo de gestação, parto e pós-parto. Também procuro demonstrar que isso não pode ser pensado, senão por meio de uma relação de dádiva e contra-dádiva entre humanos e não-humanos, onde tais mulheres relacionam seu saber a um dom concebido por Deus, sendo o conhecimento o responsável pela efetivação da cura das doenças, sem a qual as técnicas não teriam eficácia. Serão ilustradas as técnicas usadas no processo de cura, manuseio do corpo da gestante e explicação destas agentes para curar doenças através de tais métodos e conhecimentos.

Sobre o fazer etnográfico

O ensaio aqui apresentado é um desdobramento da pesquisa iniciada em 2013 junto à parteiras tradicionais que atuam no município de Santana, que assumia como objetivo mapear e problematizar a presença destas agentes no atendimento e auxílio de pessoas onde o serviço de saúde pública não alcança. A primeira fase da pesquisa tratou do levantamento bibliográfico acerca do tema, com destaque para as contribuições de Barroso (2002), Fleischer (2007) e Pinto (2010), que realizaram pesquisas na região amazônica. A etapa subsequente consistiu no trabalho de campo de caráter etnográfico. Neste sentido, as reflexões apresentadas resultam das leituras, campo, discussões em grupo de pesquisa e conversas com o orientador que ocorrem desde então.

O locus principal da etnografia foi a “Associação Central de Santana Tia Cecília”, única associação de parteiras de Santana-AP, que reúne as parteiras tradicionais da região. A

Associação funciona no bairro central de Santana, em um Salão que pertence ao Centro Vitória Régia, as reuniões acontecem as segundas, quartas e sextas-feiras, pela manhã, onde as parteiras praticam exercícios físicos, são avisadas de treinamentos e fazem comemorações em datas específicas. A Associação conta com mais de 300 cadastros de parteiras, dentre essas, um homem. O material etnográfico apresentado nesse ensaio restringe-se ao período de março à julho de 2015, quando as incursões ao campo se intensificaram. A experiência foi repleta de desafios, sendo um deles o exercício de desnaturalizar práticas de pessoas que não são distantes do meu cotidiano, visto que durante minha vida sempre tive contato com mulheres que recorriam à parteiras, também conhecia algumas pessoas que exerciam essa atividade, tendo eu mesma nascido com o auxílio de uma. Com o tempo pude perceber, proximidade não significa conhecimento. Na verdade essa proximidade em alguns momentos pode inclusive atrapalhar, pois como salienta Velho (1978), criamos estereótipos para as pessoas e as parteiras tradicionais têm uma série sobre sua imagem, são vistas como exóticas, mesmo sendo muito presentes na região. Com o tempo, percebi que nem sempre o familiar e a proximidade são necessariamente conhecidos (Velho, 1978) e para realizar a pesquisa seria necessário me afastar das minhas pré-noções sobre elas.

As leituras de Malinowski (1978) e Cardoso de Oliveira (1998) também contribuíram no trabalho de campo. Malinowski apontou a importância das incursões realizadas no dia-a-dia quando é possível observar as respostas práticas das pessoas diante de determinados acontecimentos. Através da observação participante acompanhei os exercícios que aconteciam três vezes na semana no Centro Vitória Régia, chegando antes do horário de iniciar e saindo após o término, para ter tempo de conversar informalmente com o número máximo de parteiras. Também acompanhei as reuniões organizadas pelo Governo do Estado do Amapá, Rede Cegonha e Rede de Hospitais Sarah, com mediação de médicos e enfermeiros que durante as oficinas faziam trocas de experiências com as parteiras. Registrei em imagens seus atendimentos no dia-a-dia e aguçando os sentidos enquanto antropóloga, dediquei atenção às falas e comportamentos das minhas interlocutoras. Para isso as reflexões de Cardoso de Oliveira foram bastante importantes. No seu artigo *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever* (1998), descreve as especificidades do antropólogo em campo e aponta o olhar como primeira ferramenta. Dediquei atenção às expressões, maneiras de vestir, se portar, as imagens de suas residências e tudo que se encontrava no espaço, tudo passava informações sobre elas. Através do ouvir, tive uma confirmação ou refutação sobre o que o olhar me mostrava e identifiquei que essas duas ferramentas são complementares, permitindo uma melhor

interpretação. Desta forma, estive presente durante cinco meses acompanhando as parteiras tradicionais de Santana. Nesse período observei e ouvi suas experiências, angústias, histórias de vida com carga de riqueza cultural fantástica, pude conhecer e desmistificar a visão, de macumbeiras a santas, que a população repassa sobre elas.

Após essa primeira aproximação, criamos uma relação de confiança entre pesquisadora e interlocutoras e assim comecei a frequentar a casa das personagens principais deste ensaio. As parteiras¹ acompanhadas por mim foram três, Rai, Sá e Nazica, com 56, 75 e 88 anos de idade respectivamente. Dona Sá e dona Rai foram recomendadas pela presidente da associação, dona Nazica selecionei dentre as parteiras com quem tive oportunidade de conversar em intervalos dos encontros que ocorrem na associação. Essas são consideradas “parteiras de verdade”, expressão usada pela presidente da associação e por grande maioria das parteiras com quem tive contato, para denominar as que têm grande carga de experiência em partos e que continuam os atendimentos.

Com o tempo a observação participante me permitiu ver uma relação entre o que eu via e ouvia em campo com uma das questões clássicas da antropologia, a saber: dádiva e reciprocidade. Inspirada por Strathern, quando afirma que “o papel da antropologia é elucidar os contornos da vida social” (2014:348) e por Peirano que critica o “desaparecimento do autor como sujeito teórico” (1991:143) passei a dedicar especial atenção ao papel da dádiva no ofício das parteiras. Consiste nos saberes recebidos de Deus pelas parteiras, tal saber sendo o responsável pela cura das mulheres que as buscam durante a gestação, parto e pós-parto. Tais mulheres aplicam os conhecimentos recebidos na dádiva em seus atendimentos, com a finalidade única de ajuda e cura do outro.

As parteiras e suas técnicas de cura

O saber/fazer das parteiras tradicionais, nas bibliografias consultadas por mim muito se assemelham, e se parecem ao que presenciei em campo. Puxação, das técnicas, a mais utilizada pelas parteiras, pois mesmo que a parteira não vá acompanhar o parto, faz durante todo o processo da gestação para verificar e posicionar o bebê da maneira correta, a técnica consiste em massagear a barriga da mãe e os movimentos variam de acordo com a parteira. A

¹ Os nomes das parteiras serão preservados, usarei como identificação seus apelidos.

puxação também é feita nos casos em que a “Mãe do corpo”² está fora do lugar. Os remédios caseiros (chás, temperadas e garrafadas³) feitos para combater infecções, curar doenças, dores ou para estímulo delas também são muito produzidos e usados, feitos através de combinação de ervas, plantas e raízes, conhecimento adquirido tradicionalmente e repassado por gerações. Os banhos, que também são combinações de ervas, plantas e raízes, são feitos para as parturientes geralmente após o parto, para eliminar qualquer resíduo deixado no trabalho de parto, possíveis infecções ou inflamações. E os partos, os menos regulares para parteiras da cidade, são feitos com o auxílio dos materiais básicos: tesoura, bacia, água fervente, panos e álcool, atualmente com distribuição dos Kits Parteiras, acrescido com materiais mais institucionalizados (luvas, balança, touca, prendedor de cordão umbilical, etc.), feitos na casa da parteira ou da parturiente, dependendo do “combinado” ou da necessidade do momento. A parteira oferece leite e chás para estimular as dores do nascimento e alimentos como sopas e caribés⁴ para que tenham forças no momento do parto. A parturiente decide se pretende caminhar ou deitar até o momento do parto, onde a parteira lhe posiciona da maneira que melhor se sentir para o trabalho de parto, a melhor posição, segundo elas, é a mulher se apoiando na rede, como se estivesse em pé, para que o nascimento seja mais rápido. Algumas dessas técnicas foram acompanhadas por mim, como é o caso das puxações e remédios caseiros, outras são descrições das histórias que ouvi de minhas personagens dessa etnografia, que passo a apresentar a partir de agora.

A época da pesquisa D. Sá estava 75 anos e disse-me que iniciou o partejar quando tinha 20 anos, no interior do estado. Atualmente ela reside numa casa localizada em uma área de ressaca⁵ no município de Santana, conhecida como Baixada do Ambrósio, vista como uma das mais inseguras do município, com altos índices de violência e onde reside uma população com poucos recursos. As narrativas sobre a região adquirem contornos amedrontadores, o que impactou na maneira como me inseri neste campo; com medo e receio. Sentimentos potencializados pelas recomendações de cuidado feitas por minha interlocutora, que me acompanhava até a saída da localidade com receio de que “mexessem comigo”. A casa de madeira com dois quartos, sala e cozinha, dividi com seu irmão, quatro netos, marido e três

² Segundo as parteiras é uma espécie de “bola” que fica na direção do umbigo, com batimentos regulares, como se fosse o coração, mas quando sai do lugar, causa fortes dores, chegando a ocasionar a morte da pessoa caso não seja realocada.

³ Preparado feito com mistura de ervas para fins de cura de inflamações e outras doenças.

⁴ Espécie de caldo fortificante feito com farinha, leite e água.

⁵ Casas aglomeradas construídas em áreas alagadas, onde ruas são substituídas por pontes de madeira e/ou concreto.

filhos. Ela atende as mulheres no seu próprio quarto e os partos e puxações são realizadas na sua cama. Segundo ela, durante sua trajetória realizou mais de 150 partos.

D. Rai, tem 56 anos e mora com o marido e seu filho em uma casa de alvenaria com quatro quartos, sala, cozinha e o quintal com algumas ervas que usa na produção dos remédios caseiros e garrafadas para as mulheres que atende. Começou a fazer partos aos 22 anos e disse-me que já fez aproximadamente 60 partos. Além de parteira, se orgulha do diploma de massagista. Ela adaptou um quarto em sua casa para atender as mulheres que buscam sua massagem e puxação. Outro quarto foi adaptado para os partos que assistia. Atualmente parou de realizar partos, porém os atendimentos de puxação e remédios caseiros continuam sendo feitos. A casa é repleta de quadros e imagens de santos católicos, bem como de fotos dela, de seu esposo e do local onde moravam.

D. Nazica, a mais velha das três, tem 88 anos. Começou aos 15 anos a fazer parto e, desde então, não mais cessou. Disse-me ter realizado mais de 100 partos. Além de parteira ela é benzedeira. Mora com seu marido em uma casa grande de alvenaria, com três quartos, sala, cozinha, e um quintal onde encontram-se ervas utilizadas na produção de temperadas/garrafadas e remédios caseiros usados em seus atendimentos. Sua casa tem um quarto só para atendimentos, lá guarda seus óleos de massagens, toalhas e documentações referentes aos cursos que participou, há também uma esteira de palha onde as mulheres deitam para serem puxadas. Na cozinha, há um altar com muitos santos cristãos, bem como em todos os aposentos de sua residência.

Tais mulheres têm histórias de vida diversas, com peculiaridades, problemas de saúde e familiares, o que não impede de continuarem a exercer suas atividades. Das três, D. Sá foi a única que no ano de 2015 acompanhou um parto. As três não se recusam a realizar partos em situações de necessidade, mas quando perguntadas, D. Rai e D. Nazica afirmam ter parado com essas atividades. Ainda assim a experiência destas nos atendimentos durante gestação e pós-parto auxiliam muitas mulheres, que as buscam por acreditarem em seus dons enquanto mulheres que curam através de sua medicina tradicional e da fé.

Enquanto a maioria das parteiras concentra atenção na barriga da gestante, D. Rai faz massagem dos pés a cabeça das mulheres. Gosta de dizer que *“até hoje não encontrei nem uma parteira que faz massagem como eu. Quando a gente sabe, a gente faz o corpo todo.”*. Garante que desde que iniciou o partear, sua maneira de fazer puxação é *“dos pezinhos até a cabeça”*.

Diz que esse procedimento é necessário para que a gestante relaxe e fique confortável antes de ser tocada na barriga. Interessante é a afirmação que faz, de que não se deve tocar em pontos⁶ específicos do corpo da mulher durante a massagem nos meses iniciais da gravidez, sob o risco de ocorrer um aborto espontâneo. Não faz rezas durante a massagem, nem para produção de remédios, conta que faz a reza para Santa Margarida⁷ quando atende um parto e antes conversa com Deus para que este lhe dê um bom trabalho de parto.

D. Rai disse-me que aprendeu a fazer remédios caseiros e tratar do corpo das pessoas ainda criança, sem ter passado por um processo de transmissão de conhecimento tradicional por parte de suas avós e madrastra, que eram parteiras. Ou seja, aprendeu observando estas mulheres atuarem e não foi ensinada. Essa afirmação lembra uma passagem escrita por Mauss (2003a), onde, ao falar sobre técnicas corporais e corpo, ele explica que:

[...] A criança, como o adulto, imitava atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila uma série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. (p.405)

Desta forma, parece claro que as técnicas e saberes utilizados por D. Rai relacionam-se com a transmissão de conhecimento repassada por gerações, aprendidos ao ver e ouvir outras parteiras realizando suas atividades, efetivada quando feita por uma mulher possuidora de dons divinos.

Diferentemente de D. Rai, D. Nazica faz a puxação diretamente na barriga da mulher. Ela pede para que a gestante deite na esteira e faz questão de frisar que a mulher deve deitar com a cabeça virada para rua, dizendo que “*não presta*”. Ao ser indagada sobre o motivo, disse apenas que assim aprendeu com as parteiras “*mais antigas*”. D. Nazica durante o processo dá socos na palma do pé das gestantes e diz que fazendo isso o bebê se ajeita na barriga da mãe, ficando na posição normal. Após a massagem, pergunta quantos meses a criança tem e caso tenha mais de cinco faz uma reza. Segundo ela o motivo de não realizar tais procedimentos nos meses iniciais é que “*as vezes a criança não tá bem gerada e se coisa pra nascer sabe?*”. Nesse caso, acredita que a oração antecipada pode causar um aborto espontâneo, pois a criança se afoita para nascer, e com poucos meses seria impossível sua sobrevivência. Em sua reza clama por “*Nossa Senhora do Parto - que fica na frente da mulher, essa é a nossa verdadeira*

⁶ Algumas partes do corpo como: área do rosto, coluna, braço.

⁷ A reza para Santa Margarida é feita para saída da placenta: “Minha Santa Margarida, não estou prenha e nem parida, tire essa carne podre de dentro da minha barriga”.

parteira -, São Berto Lameu - que endireita a criança - e Glo⁸ São Raimundo - que fica no lado de Nossa Senhora pra receber a criança”. Durante a reza, várias vezes faz o sinal da cruz na barriga da gestante. Comenta que quando produz remédios e garrafadas para parturiente também faz rezas para abençoar os remédios.

D. Sá, a terceira personagem dessa etnografia, faz os atendimentos em seu quarto. A forma de manuseio também difere das outras. Numa das minhas incursões no campo pude perceber que para ajeitar a criança ela abraçava a cintura da mulher e dava algumas balançadas para cima enquanto a mulher permanecia deitada, o que fazia com que a criança ficasse na posição correta. Ao término, o formato da barriga da mulher modificara-se e a mãe mostrava-se satisfeita, chegando a comentar que já não estava mais sentindo dor e que anteriormente havia procurado outra parteira que não resolveu seu problema. Atualmente ela não faz uso de remédios caseiros porque “*as mulheres de hoje não querem saber de tomar esses remédios do interior, só acreditam no médico.*”. Apesar de ser evangélica, disse que quando a placenta demora a nascer faz a reza para Santa Margarida e que antes dos atendimentos sempre conversa com Deus para lhe ajudar a fazer um bom parto.

Dádiva, dom e cura

A noção de dom é central nas narrativas das mulheres parteiras com quem convivi. Se o saber técnico pode ser transmitido para qualquer pessoa, só se permanece ou exerce essa atividade quem possui a habilidade e a disposição necessária, que via-de-regra, é fruto de uma graça divina. Graça que provoca um sentimento de obrigação por parte de quem a recebeu e as impedem de se recusar a exercer suas habilidades. Tal noção remete a discussão clássica na antropologia sobre dar-receber-retribuir na teoria de Mauss (2003b) sobre a dádiva.

A questão do dom é um ponto presente na bibliografia sobre o tema na região. Por exemplo, Barroso (2002) realizou pesquisa com parteiras de cinco municípios do Amapá. No seu trabalho ela traz um apanhado histórico-cultural sobre as mulheres que exercem essa atividade e que disseminam seus saberes há gerações e são apresentadas as narrativas dessas mulheres sobre suas trajetórias, sobre a construção dos conhecimentos em torno do ofício. Estas agentes apresentam as técnicas usadas por elas durante gestação, parto e pós-parto, receitas de remédios caseiros por meio do qual cuidam das parturientes e suas percepções sobre seus saberes, que consideram ser um dom divino, privilégio atribuído por Deus a elas.

⁸ Abreviatura para Glorioso São Raimundo

Outra pesquisadora que tratou do tema foi Fleischer (2007). A antropóloga discute o atendimento obstétrico feito por parteiras de Melgaço, interior do Estado do Pará. A autora levanta pontos relevantes como: hierarquia entre as atendentes, contrato entre parteiras e parturientes, puxação, dom e dádiva. No que tange ao dom, como na literatura de Barroso (2002), as parteiras de Melgaço também se consideravam mulheres possuidoras de dom divino. O dom em Melgaço, como demonstra Fleischer, atribuí prestígio a parteira em conjunto com as capacitações feitas e experiência em partos. A autora salienta que essa relação entre parteiras e parturientes trata-se de uma relação de dádiva e contra-dádiva, e mesmo havendo contrato e pagamento a relação é cultivada, predominando o vínculo entre tais mulheres.

Outra autora é Pinto (2010), ela apresenta como as parteiras da região do Tocantins, no Estado do Pará, percebem seus dons, sua relação com parturientes e as práticas de cura e manipulação do corpo. Discorre sobre três classificações: benzedeadas, experientes e parteiras. As parteiras, na maioria das vezes são também benzedeadas/curandeadas, carregam a missão de ajudar no nascimento. Segundo ela, o que diferencia as parteiras dessa região do restante é a forma como se percebem mulheres de dom (como habilidade concedida por seres espirituais ou divinos) e os rituais de que executam para se tornarem oficialmente portadoras de dons. Algumas formas de perceberem o dom se manifestam quando a criança agraciada ainda está na barriga da mãe e “chora”, esse choro é a autenticação enquanto portadora de dom. Em outros casos, descobrem durante o sonho, com visões ou na vivência.

Essas bibliografias conversam entre si no que tange as características desses agentes e no papel do dom no exercer de suas atividades. Suas práticas e saberes são vistos pelas parteiras como um dom divino atribuído por Deus, suas explicações variam e surge daí várias interpretações do que seria esse dom concedido por Deus. Dentre elas, é Fleischer que se detém de maneira pormenorizada na questão da dádiva, tal como formulada por Mauss e trabalhada na antropologia. No caso desta última as obrigações dadivosas se estabeleceriam entre parteira e a paciente. O caso etnográfico acompanhado por mim apresenta um caráter diferente. Tais obrigações se dão entre parteiras e Deus.

Segundo Caillé (2002), dádiva é “qualquer prestação de bens ou serviços efetuada sem garantia de retorno, tendo em vista a criação, manutenção ou regeneração do vínculo social. Na relação de dádiva, o vínculo é mais importante do que o bem.” (p. 192). Godbout (2002), afirma que a dádiva é baseada na dívida, pois se houvesse a liquidação da dívida seria

encerrada a relação, e para que exista a dádiva é necessária essa “dívida voluntária” para manutenção do vínculo. Caso contrário, seria relação de mercado, onde a premissa é liquidação de qualquer dívida. Descreve também algumas características de um dom/dádiva, onde afirma que para se conservar o vínculo com o outro, seria necessária uma negação da importância da dádiva recebida, já que a dádiva deve ser dada sem garantia de retorno. O autor acredita que quando mais livre deixarmos o outro da obrigação de retribuir, mais a retribuição carrega o caráter de dom/dádiva.

Como apontei, o caso principal de troca que será trabalhado aqui é sobre homens e deuses. Por isso a necessidade de se esclarecer como ocorre tal sistema de troca. Mauss (2003b) explica que “Um dos primeiros grupos de seres com os quais os homens tiveram de estabelecer contrato e que por definição estavam aí para contratar com eles, eram os espíritos dos mortos e deuses.” (p.206). O homem portador do dom divino passa a ser então representante da mensagem dos deuses e, como forma de retribuição, usa o dom recebido para fazer o bem a outros.

As três mulheres tratadas neste ensaio dizem que seus dons são autenticados por Deus e que sem eles seriam impossibilitadas de continuar no ofício. Agem enquanto representantes de Deus no que tange a sabedoria sobre o processo de cura. O que nos remete ao que Mauss (2003b) afirma quando discorre que na troca entre homens e deuses, os homens passam a ser seus representantes entre humanos. Segundo Mauss “são eles (deuses) os verdadeiros donos das coisas e dos bens do mundo. Com eles é que era mais necessário intercambiar e mais perigoso não intercambiar. Mas, inversamente, com eles é que era mais fácil e mais seguro intercambiar.” (p. 206). A troca entre homens e deuses dessa forma, mostra-se como obrigatória e autêntica, pelo fato do doador, Deus, ser dono de todas as coisas, ter o controle maior, um poder inquestionável, pois se está em conversa com o “dono do universo”, e as parteiras reconhecem isso. Neste sentido, a contra-dádiva das parteiras não se dá diretamente à Deus. É através do atendimento das pacientes que a obrigação de retribuir é concretizada.

Tarot (2002) fala sobre essa troca de dádiva entre homens e Deus: “Jesus serve-se de uma consciência bastante particular de sua relação com Deus para contestar determinadas tradições [...]. Quando lhe perguntam em nome de que autoridade, responde que é em nome de seu pai.” (p. 178). Com as parteiras muito se assemelha. Uma destas senhoras afirmou determinada vez que “*Deus me ensinou, foi Jesus que me ensinou pra fazer esses partos fiz o parto benzinho*”. Via-de-regra as parteiras contam que tem relação direta com Deus, que ele

lhes ensinou, que nasceram com o dom, que mantêm conversas com Ele através das rezas ou orações. Por exemplo, D. Sá afirma que só irá parar quando Deus lhe tirar esse dom, que adoeceu durante um tempo, mas conversou com Deus e logo voltou ao ofício. Todas demonstram alegria ao falar sobre o partejar, e todas afirmam ter o dom, como forma de legitimação de seus conhecimentos.

Quando as parteiras ajudam outras mulheres, seu sentimento é de dever cumprido, acreditam cumprir seu dom, ou seja, retribuem a dádiva dada por Deus a elas. Receber uma vida para essas mulheres é sinônimo de felicidade. A maioria com quem tive contato não cobra pelos partos feitos e consideram o partejar um dever, uma obrigação para com Deus, como mostra a fala de uma de minhas interlocutoras: “*aquilo que a gente recebe de graça, de graça a gente contribui*”. No entanto, as pessoas que as buscam lhe dão alguma retribuição, alguns em dinheiro, outros em mercadoria. Das parteiras que acompanhei, apenas D. Rai revelou cobrar e me os valores, mesmo assim utiliza o discurso de mulher de dom e é reconhecida como tal pelas mulheres por quem é procurada. No entanto, D. Rai esclarece que se as pessoas que a buscam não tiverem condições de pagar ela faz o atendimento, mostrando assim a obrigatoriedade e comprometimento com o dom que lhe foi concedido.

Vejo na relação das parteiras o verdadeiro dom citado por Godbout (2002), pois ao atenderem as mulheres, sua preocupação maior é com a vida, com a saúde, elas falam com alegria sobre seu papel na manutenção da saúde das mulheres que ajudam, ou seja, estão dando seu dom sem esperar nada em troca, deixando os outros atores livres. Após o atendimento, a maioria das vezes as atendidas dão algo em troca, mas a relação não encerra nesse momento, pelo contrário, as parteiras com quem tive contato falam com exatidão os nomes das mães e das crianças que ajudaram a nascer. Com orgulho descrevem as situações em que são reconhecidas na rua pelas crianças. D. Rai descreve as várias ocasiões em que as mulheres acompanhadas por ela na gestação, vão após o parto até sua casa para apresentar-lhe a criança. Haesler (2002), afirma que a condição da dádiva:

“seria o compromisso total dos parceiros nesta coisa particular apresentada por ocasião da dádiva e da contradádiva. O objeto é secundário, o essencial é que ele configura a intenção dos atores de se comprometerem totalmente, de não pretenderem ficar quites.” (p. 155).

Desta forma, mesmo que haja uma remuneração após os atendimentos, não há quebra do vínculo criado, não se configurando dessa forma a uma ação do mercado, onde haveria liquidação da dívida. D. Sá durante uma conversa diz “*Eu sou muito querida, graças a Deus,*

todas as mulheres que eu pego bebê eu trato bem delas. Deus que me recompensa!”, essa fala mostra sua satisfação e seu compromisso com o dom recebido. A ação dessas agentes deixa um pouco de sua alma, como já foi dito, estas são o dom, a ação feita por elas deixa um pouco de si no outro, isso promove a manutenção nessa relação, quando perguntadas elas apenas dizem ter cumprido sua missão. Neste sentido, a relação dadivosa e o vínculo também ocorre entre parteira e a família das pacientes. Todavia, nas narrativas destas mulheres esse não é motivo principal para o exercício do seu saber. O vínculo que dizem não quererem quebrar é com Deus, por isso grande maioria não aceitam facilmente a ideia de pagamento por sua ajuda, já que estão retribuindo uma graça, algo que receberam gratuitamente.

Suas formas de retribuições a Deus pela dádiva recebida se dão através dos atendimentos feitos as parturientes. Presenciei as técnicas de massagens corporais, as famosas puxações, experimentei a garrafada, um dos tantos remédios feitos por grande parcela das parteiras tradicionais e ouvi muitas receitas de remédios caseiros para os mais diferentes fins. As técnicas são completamente diferentes, as formas de manipulação do corpo feminino alteram de acordo com a parteira que atende, as crenças influenciam nessa técnica. Há uma série de elementos que constituem a técnica que parteiras tradicionais usam para cura de doenças e do corpo. Mas todas essas técnicas só são efetivamente validadas quando efetuadas por portadoras de dom, para que assim a cura seja concretiza.

Considerações finais

As parteiras tradicionais de Santana mostram-se prestativas em retribuírem seus dons, sem o sentimento de obrigação, mas sim de contentamento com a relação. Tanto que quando perguntadas, D. Rai e Nazica lamentam-se por não mais exercerem o partejar, D. Sá, que ainda o faz, em um atendimento que acompanhei pergunta para a gestante se não quer que seja ela a fazer seu parto, evidenciando a vontade e satisfação que sentem exercendo seus dons. A relação de dádiva e contra-dádiva não se abala, mesmo que haja uma remuneração após os atendimentos, uma vez que nunca negam ajuda pela falta de pagamento, suas prioridades são salvar vidas. Não fazem os atendimentos esperando algo em troca, os pagamentos são para elas reconhecimento por sua ajuda.

O dom da cura do corpo e de doenças que essas mulheres possuem modifica de acordo com as técnicas aprendidas em sua sociedade, entendo que a técnica como salientado por Mauss (2003a), não necessariamente é desvinculada do sagrado e do mágico. Um dos

princípios de classificação das técnicas do corpo descritas pelo autor seria a classificação com relação ao rendimento, onde seria a adaptação a técnica, a destreza que a pessoa tem para fazer algo. Muitas vezes durante conversas as parteiras me diziam que por mais que se ensine uma pessoa como fazer um parto, como sentir a criança e endireitar dentro da barriga, se essa não tiver o dom, ela nunca irá executar com destreza e precisão as técnicas. Eu, por todo o tempo que passei e mesmo tocando na barriga das gestantes, nunca sabia ao certo o que estava sentindo, elas tinham que nomear os pontos que eu tocava. Tudo isso representa e confirma o que foi dito por elas, não há adaptação, há essa troca entre elas e Deus, conseqüentemente a sabedoria adquirida através disso lhe permite conhecer e saber que técnicas e remédios usar para sanar uma dor ou fazer o parto.

Referências Bibliográficas

BARROSO, I. C. **Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais do Amapá: Histórias e Memórias**. UNICAMP, CAMPINAS/SP, 2001. (Dissertação de Mestrado)

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais: o Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde**. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010.

CAILLÉ, Alain. “**Dádiva e associação**”. In. MARTINS, P. H. (Org.). *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 191 – 205.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Contagem da População: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=160060&search=amapa|santana> acessado em: junho de 2015.

FLEISCHER, Soraya. **Parteira, buchudas e aperreios: Uma etnografia do atendimento obstétrico não oficial na cidade de Melgaço, Pará**. Dissertação [Doutorado em Antropologia Social]. Porto Alegre, UFRGS, 2007.

GODBOUT, Jacques. “**Homo donator versus homo oeconomicus**”. In. MARTINS, P. H. (Org.). *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 63 – 97.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. “**Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 183 – 314.

MAUSS, Marcel. “**As Técnicas do Corpo**”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 399 – 422.

NYCOLAS, Guy. **“O dom ritual, face velada da modernidade”**. In: MARTINS, P. H. (Org.). *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 33 – 62.

OLIVEIRA, R. C. **“O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”**. In: *O trabalho do antropólogo*. 2.ed. SP: UNESP/Paralelo 15, 2000. p.17-35.

PEIRANO, Mariza. **“O encontro etnográfico e o diálogo teórico”**. In: *Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas*. Brasília, DF: UnB, 1991. p. 131 – 146.

PINTO, B. C. M. **Filhas da Mata: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. Bélem: Açai, 2010.

STRATHERN. M. **“O efeito etnográfico”**. In: *Os efeitos etnográficos e outros ensaios*. São Paulo: COSACNAIFY, 2014. p. 345 – 405.

TAROT, Camila. **“Pistas para uma história do nascimento da graça”**. In: MARTINS, P. H. (Org.). *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 161 – 190.

VELHO, Gilberto. **“Observando o Familiar”**. In: NUNES, Edson de Oliveira – *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.